

CULTURA DA INFÂNCIA XETÁ: O QUE A CRIANÇA XETÁ TEM A DIZER PARA NÓS?

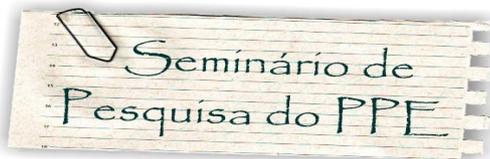
SILVA, Maria Angelita (UEM)

MÜLLER, Verônica Regina (Orientadora/UEM)

Introdução

Atualmente diversas áreas do conhecimento são unânimes em afirmar que temos um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre as crianças, suas experiências e culturas. Portanto não seria inoportuno indagar: O que sabemos sobre infâncias, crianças e suas culturas? O campo da sociologia da infância, da antropologia, entre outras áreas apontam para a insuficiência de estudos da infância. Quando a questão é Infância Indígena, atribuem-se dificuldades ainda maiores, portanto necessitamos construir referenciais de análise que nos permitam conhecer e conceituar sistematicamente a criança enquanto ator social. Clarice Cohn em sua dissertação de mestrado “A Criança Indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizagem”, (capítulo 2: *Infância, socialização e aprendizado na antropologia*), particularmente no item 2.1 *A descoberta do universo infantil*, aponta para a negligência no estudo da infância por parte da antropologia, focando, segundo a autora, no que lhe falta, “[...] atribuindo uma passividade que falha ao notar que a criança é, na realidade, ativa na produção social [...] um ator social ativo e produtor de cultura” (CAPUDO, 1995 *apud* COHN, 2000, p.27). Assim fica evidenciado o quanto a criança é ativa, produtora de relações sociais, com um grau de comprometimento na dinâmica social que extrapola a nossa desatenção à autonomia do universo infantil – em experiências e vivências, mas também em formulações, que lhe são próprias, sobre o mundo em que vive, é o que afirma a autora (COHN, 2000).

Partindo de uma abordagem sobre a Cultura da Infância conforme estudos sobre a família e a criança, de Philippe Áries (1981), na Idade Média não havia nem o sentimento ou o conceito de infância bem definido. Para Muller (2007, p. 18), não existe



a história da infância e sim, histórias de infâncias, “posto que existem em tempos e lugares específicos, diferentes histórias para crianças que se diferenciavam por sexo, por condição social, idade, cultura, etnia [...] Categorias que foram se definindo cada vez mais no transcorrer dos séculos e que podem ser reconhecidas na atualidade”.

Percorreremos um caminho pelo qual a reflexão sobre a criança será pautada no estudo de histórias de infâncias; a etnia Xetá, será o pano de fundo de nossa pesquisa, já que a criança Xetá e o que ela tem a nos dizer, será o eixo norteador de nossos esforços, na dissertação que produziremos.

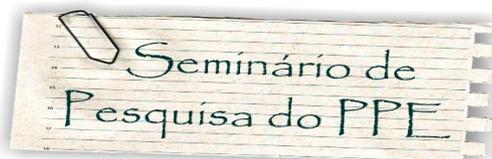
O Povo Xetá

Os Xetá foram à última etnia do estado do Paraná a entrar em contato com a sociedade nacional. Na década de 40, frentes de colonização invadiram seu território, reduzindo-o drasticamente. No final dos anos 50, estavam praticamente exterminados. Hoje são oito sobreviventes dispersos nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

O território tradicional dos Xetá é conhecido como Serra dos Dourados, principalmente o espaço compreendido ao longo do rio Ivaí (margem esquerda até a sua foz no rio Paraná) e seus afluentes, o rio Indoivaí, o córrego Duzentos e Quinze (onde foram localizadas várias de suas aldeias), o rio das Antas, o do Veado, o Tiradentes e o córrego Maravilha; espaços onde hoje estão localizados alguns núcleos de desenvolvimento como Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Icaraíma, Douradina e outros municípios.

As primeiras notícias de um povo com características culturais semelhantes às dos Xetá datam do final do século passado e início do século XX. Entretanto, de todos estes registros, apenas aquele efetuado por Bigg-Wither leva-nos a supor que os Xetá podem ser descendentes daqueles por ele nomeados Botocudo (SILVA, 1999).

O povo Xetá pertence à família lingüística Tupi-Guarani e vivia no noroeste do Paraná, no território Serra dos Dourados. Foi à última etnia de origem pré-colombiana a entrarem em contato com os brancos no Estado do Paraná. Na ocasião, 6 de dezembro de 1954, um grupo de seis pessoas do sexo masculino, cansadas das constantes fugas



das frentes de colonização que avançavam sobre o seu território desde o final da década de quarenta reduzindo-o drasticamente, buscam estabelecer uma primeira relação com o administrador da fazenda Santa Rosa e seus familiares, que havia se instalado efetivamente no local de caça e coleta do grupo desde 1952. Em 1955, informados do contato direto dos Xetá com os moradores da fazenda Santa Rosa, a 7ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios organizou expedições de contato à região da Serra dos Dourados: uma em outubro e outra em novembro do mesmo ano. Porém, apenas esta última expedição alcançou aquele grupo que visitara a fazenda (SILVA, 1999).

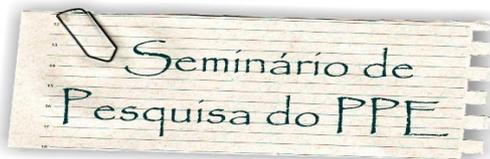
Os poucos sobreviventes Xetá - na época crianças órfãs – criadas por famílias de não índios, lutaram, cresceram, constituíram famílias e hoje somam cerca de 100 pessoas.

Atualmente, “[...] não ocupam um espaço territorial definido, nem convivem socialmente ou compartilham entre si desse espaço e códigos de sua sociedade. Eles vivem agregados em áreas Kaingang e/ou Guarani no Estado do Paraná ou em zonas urbano/rurais” (SILVA, 1998, p. 24). No entanto, esse povo está em processo de luta para ter seu território tradicional demarcado junto a FUNAI, bem como para ter seus direitos reconhecidos, reconstituírem-se enquanto sociedade e revitalizarem sua língua e cultura.

Cultura da Infância Xetá

Os Xetá foram pós-contato, uma sociedade de crianças, pois todos tinham em torno de 9 e 6 anos quando foram capturados. As estratégias de sobrevivência que eles desenvolveram para suportarem a situação e toda a história que tem para contar sobre isso será ao longo de nossa pesquisa o objeto a ser perseguido com empenho e rigor científico.

Elaborar a biografia de todas as crianças capturadas e fazer uma discussão sobre as crianças Xetá do passado que tinham como perspectiva a destruição que vivenciaram (esta é a hipótese) e as crianças Xetá de hoje que tem a esperança de se reconstituir como grupo étnico é o nosso objetivo enquanto pesquisadoras. Nesse sentido,



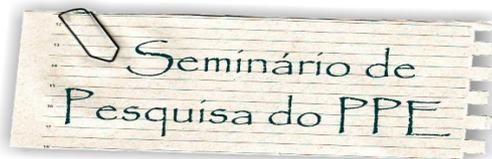
pretendemos colaborar com o estudo da Cultura da Infância Xetá que compõe o cenário paranaense enquanto um povo que se reconstrói a partir da infância, que ao serem capturadas ainda crianças, pensava-se submetê-las ao Estado ou ao sistema econômico, forçando sua integração, imaginando destruir seus valores e conhecimentos, impondo-lhe a aprendizagem de uma cultura estranha:

Em entrevista no dia 17/09/1996, Frei Estevão, como era conhecido na região de Douradina e em Umuarama, relatou que quando ‘roubou’, em 1956, Natal de sua mãe, na Fazenda, o fez com a ciência do seu administrador (na época responsável pelos índios), e o movido pelo desejo de fazer da criança um grande homem, cristão, civilizado e gente, ou seja, de humanizar o selvagem (SILVA, 2003, p.104).

Para a sociologia da Infância e antropologia, especialmente, as narrativas disponível na dissertação da antropóloga Carmem Silva, promovem uma reflexão de como crianças são, na verdade, autores infantis, não meramente receptores de valores e conceitos estranhos a sua cultura, vejamos outro depoimento colhido por Silva (1998, p.46):

Mesmo aprendendo o que os brancos lhe ensinaram, Tuca registra que nunca se esqueceu da vida no mato junto com seu povo. Teve que aprender a fazer tudo que lhe fora apresentado. À medida que experienciava novas situações junto á nova sociedade, entendeu que, se não tentasse aprender como os brancos viviam, não conseguiria sobreviver. Por isso, aos poucos foi se inteirando deste outro mundo, tão diferente do seu, sem, contudo se ‘esquecer’ quem era e de onde veio. [...] Tuca observa que, mesmo tendo vindo menino para junto dos brancos, não esqueceu a língua que aprendeu de seus pais.[...]a língua do mato [...] é a comprovação de quem ele era na época e é ainda hoje. Ele sabe conversar na língua de seu povo, sabe cantar e contar histórias [...].

A partir dessa breve exposição sobre a cultura da infância Xetá, abordaremos as contribuições de autores em diversas áreas do conhecimento.



Contribuição de outros Autores e Áreas do Conhecimento

Aracy Lopes da Silva e Ângela Nunes, organizadoras do livro: *Crianças indígenas: ensaios antropológicos* composto por ensaios de estudiosos que atuam ou atuaram no Grupo de Educação Indígena (MARI), do Departamento de Antropologia da USP, propõe trazer à luz as reflexões sobre a infância nas sociedades indígenas, buscando rever os fundamentos epistemológicos que norteiam as escassas atenções atribuídas pelas pesquisas etnológicas sobre a infância nas sociedades indígenas brasileiras. O tema proposto vem ao encontro das nossas reflexões, mesmo não sendo, como a do livro, a questão diretamente da educação escolar indígena.

Propomos-nos a um estudo sistemático sobre a Cultura da Infância Xetá, pautado naqueles autores e obras que pelo rigor científico de seus estudos contribuam à pesquisa que nos propomos. Mesmo que o tema central da obra seja as discussões em torno da educação escolar indígena, a ênfase sobre infância e aos processos de aprendizagem na vida social dos povos indígenas contribui no conjunto dos estudos em que nos propomos a realizar. As organizadoras do livro citado propõem a emergência da abordagem dos temas relativos à concepção da infância e aos processos de aprendizagem na vida social dos povos indígenas. Nesse aspecto é que buscamos parceria e ajustamento. A título de ilustração, citamos parte da resenha de Maria Cristina Caminha de Castilhos França (2002, s/p):

O desenvolvimento de um paradigma para o estudo da infância ao final do século XX cooptou pesquisadores que passaram a se dedicar a essa categoria social, na qual conceitos como socialização foram revisados trazendo novas condições de renovação do interesse pela criança na pesquisa antropológica.

Clarice Cohn, dentre outros autores que compõe o livro, “*Crianças indígenas: ensaios antropológicos*” torna-se indispensável a nossa discussão:

Clarice Cohn, no ensaio "A experiência da infância e o aprendizado entre os Xikrin", artigo que compõe o livro organizado por SILVA e NUNES, inicia apresentando os Xikrin no seu universo social, propondo reflexões sobre a importância das crianças na vida social desse povo, a partir do cotidiano vivido por elas. A seguir, é proposta uma reflexão sobre o aprendizado, tanto no que diz respeito à sua

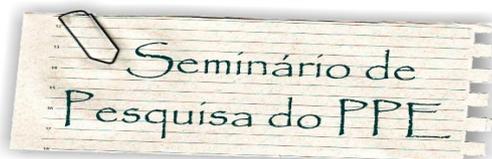
aquisição, quanto ao seu conteúdo, na concepção dos Xikrin. O tratamento dispensado às crianças, pelos adultos, é de absoluta atenção e participação nos acontecimentos e atividades da vida cotidiana, sendo que somente os rituais considerados perigosos lhes são proibidos. Portanto, inúmeras são as possibilidades da criança Xikrin "ver tudo", a partir dessa ação que é uma das prerrogativas do aprendizado na concepção Xikrin. O que se aprende é armazenado no coração, que é o lugar do saber e, para aprender, as crianças desenvolvem a capacidade de entender, através da visão e da audição. O conhecimento das normas sociais e os conhecimentos próprios a essa sociedade só serão exigidos quando os indivíduos tiverem coração, olhos e ouvidos "fortes" – instrumentos essenciais que devem ser fortalecidos, para que se estabeleça a capacidade de aprender, compreender e apreender o que lhes é oferecido pela experiência.

Clarice Cohn propõe apresentar no seu artigo o processo de reflexão que vem sendo feito a partir da percepção das sociedades sobre a infância, o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizado específicos a cada uma dessas sociedades. A partir de uma revisão de temas abordados por vários estudiosos das sociedades não ocidentais, verifica-se que o universo infantil não é reconhecido como dotado de autonomia, com processos específicos de socialização e aprendizagem. A antropologia, em textos mais recentes, tem-se mostrado adepta à revisão do entendimento sobre a infância, processos de socialização e aprendizagem nas sociedades, a partir do universo infantil, percebido como palco de pequenos atores sociais ativos e produtores de cultura (FRANÇA, 2002, s/p).

Outra autora citada pelas organizadoras do livro em questão é:

Ângela M. Nunes em seu artigo intitulado 'O lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras' traz à tona, por intermédio de exemplos de estudos promovidos por antropólogos e etnólogos, a escassez de investigação e estudos da antropologia sobre a criança, acrescentando a esse reconhecimento, a sugestão de adotar a nomenclatura deste campo de investigação específico, de Antropologia da Infância, ou da Criança. Essa falta de estudos voltados para esse período da vida não parece claro, segundo a autora. Entretanto, a partir do reconhecimento da criança como um ser social, pertencente a uma etapa do ciclo da vida com traços próprios e que possui tal importância como as demais, uma vez que se cumpre em si mesma, novos estudos dotados de novas concepções devem ser produzidos para que a sociabilidade da criança, ao ser desvendada possa ser considerada como plena (FRANÇA, 2002, s/p).

A sociologia, por sua vez, vem apresentando sua contribuição. Observa-se atualmente, que as discussões sobre a infância e a criança estão sendo retomadas e discutidas por pesquisadores e estudiosos de várias partes do mundo, nas mais diversas



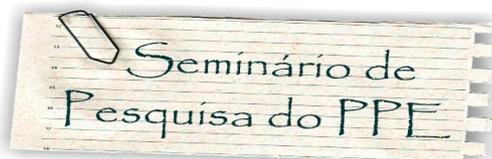
áreas. Sociólogos, historiadores, antropólogos, psicólogos, educadores, dentre outros, portanto depreende-se que a infância se constitui um campo emergente de estudos e uma temática de natureza multidisciplinar. Estudiosos do campo da sociologia da infância têm afirmado que a infância enquanto categoria social é uma idéia moderna (SARMENTO, 1997; 2004). Portanto, muito se há de fazer nesses campos do conhecimento a fim de promover uma produção mais robusta em torno da infância e sua potencialidade, haja vista o exemplo dos indivíduos Xetá, que na fase da infância foram capturados, entretanto se constituíram como “sociedade” e etnia sobrevivente capaz de reeditar sua história e cultura, a partir de suas experiências infantis, enquanto sujeitos.

Palavras Finais

Para além de uma revisão literária sobre cultura da infância e concepção moderna de criança, é primordial o estudo antropológico sistematizado sobre cultura da infância indígena, com destaque àquelas autoras/autores e pesquisadoras/pesquisadores que desenvolvem estudos sobre o povo Xetá, mais especificamente, a criança Xetá, que como vimos, representa uma valiosa contribuição, pois:

[...] é imprescindível advertir a carência de estudos científicos que contribuam para a construção de uma pedagogia que consiga inserir o etno conhecimento no currículo escolar, bem como possibilite uma formação adequada aos professores Xetá que atuarão nessa instituição instrumentalizando-os na elaboração de materiais didáticos específicos que subsidiarão a prática pedagógica nas escolas indígenas Xetá (ARAÚJO; FAUSTINO, 2010, p.9)

É nesse sentido que empreendemos esforços para, a partir de um estudo sistematizado pautado na biografia daquelas crianças Xetá (as oito crianças sobreviventes do extermínio) e na criança Xetá de hoje, possamos diminuir a carência de estudos científicos que promovam a defesa do povo Xetá por “[...] uma luta por reaverem seu território e viverem juntos, revitalizando sua língua e cultura” (ARAÚJO; FAUSTINO, 2010, p.9), e, ainda contribuindo na construção dessa Cultura da Infância, onde a criança Xetá tem muito a nos contar, tem muito a nos dizer.



REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. C.; FAUSTINO, R.C. **Os Xetá e a Escola: por uma Educação que reforça a Identidade Indígena.** Seminário de Pesquisa do PPE, Maringá: UEM, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROCO, Sonia Mari Shima; CHAVES, Marta; FAUSTINO, Rosangela Célia. Leitura, escrita e bilinguismo na educação escolar indígena. In: FAUSTINO, Rosangela Célia; BARROCO, Sonia Mari Shima; CHAVES, Marta (org.). **Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico-Cultural.** Maringá: EDUEM, 2008.

BURATTO, Lucia Gouveia. Educação escolar indígena na legislação atual. In: FAUSTINO, Rosangela Célia; BARROCO, Sonia Mari Shima; CHAVES, Marta (org.). **Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico-Cultural.** Maringá: EDUEM, 2008.

COHN, C. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado.** 2000. 187f. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FRANÇA, M. C. C. Resenha: Crianças indígenas: ensaios antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.8 n.18, Dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000200014>. Acesso em: 16 maio 2011.

MÜLLER, R. V. **História de Crianças e Infâncias – Registros, narrativas e vida privada.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades.** Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

_____, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos.** Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto. Asa, 2004.

SILVA, Carmem Lúcia da. **Sobreviventes do Extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xeta.** 1998. 203 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 1998.